



Maurice Herbert Jones – 1929/2021

O privilégio da convivência com um grande pensador!

Desencarnou, em 20/06/2021, Maurice Herbert Jones, uma das personalidades mais marcantes da história do espiritismo gaúcho e brasileiro. Autodidata, pensador inteligente, cultivador de ideias progressistas e renovadoras, pouca coisa escreveu e não se sentia confortável quando tinha de falar em público. Mas quem teve o privilégio de conviver e dialogar com ele guarda de Jones preciosos ensinamentos e identifica nele um dos mais fecundos pensadores espíritas de nosso tempo.



Maurice Herbert Jones

A DESENCARNAÇÃO

Após 80 dias internado, em razão de um câncer, desencarnou, aos 91 anos, na tarde do último dia 20 de junho, **Maurice Herbert Jones**, ex-presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e também do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (ex-Sociedade Espírita Luz e Caridade). Seu trabalho na antiga SELC (hoje CCEPA) se constituiu num vigoroso exemplo de como modernizar e dinamizar uma instituição, transformando-a num núcleo de estudo e difusão kardecista. Com efeito, a SELC, quando de sua chegada, era apenas um centro religioso de natureza sincrética

católico/umbandista/espírita.

Já na FERGS, nas décadas de 70/80 do século passado, quando, sucessivamente, Jones e **Salomão Jacob Benchaya**, presidiram aquela federativa, foi lançada a histórica Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), marco inicial de uma era em que o estudo sistemático das obras de Kardec passou a ser adotado e estimulado pelo sistema federativo gaúcho e brasileiro.

UMA VIDA DEDICADA À FAMÍLIA E AO ESPIRITISMO

Maurice era viúvo de **Elba**, que desencarnou em janeiro de 2020 e teve, ao lado do marido, importante atuação como médium e dirigente de estudos espíritas na SELC/CCEPA. Na presente experiência encarnatória, o casal Jones manteve uma união de 62 anos. Deixaram quatro filhos: **Marcus, Ricardo, Eunice** e **Rogério**, vários netos e bisnetos.

Da tocante cerimônia de despedida, na tarde do dia 21, participaram apenas familiares e quatro membros do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Em clima de saudade, mas marcado pela serenidade de todos, seus filhos e netos rememoraram lindos episódios da vida familiar, destacando em todos eles a sabedoria, a bondade, o exemplo, a integridade e a retidão de caráter deixados por Jones e Elba. Também usaram da palavra: **Dirce Teresinha Carvalho Leite, Salomão Jacob Benchaya, Milton Medran Moreira** e **Donarson Floriano Machado**, respectivamente presidente e ex-presidentes do CCEPA, que relembrou a atuação decisiva do “decano” da instituição e suas ímpares qualidades intelectuais e morais, assim como a fidelidade de Jones à filosofia inspirada e sustentada pelo espiritismo.

Uma biografia da vida de Maurice Herbert Jones, escrita por Salomão Jacob Benchaya, pode ser acessada no blog do CCEPA: https://ccepta.blogspot.com/2021/06/maurice-herbert-jones-1929-2021_22.html ou no livro de Benchaya “Da Religião Espírita ao Laicismo – A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre”, disponível gratuitamente na Internet.

Jones e nós

Nossa Opinião

Como Sócrates, Jones poderia ter passado a vida inteira sem nada escrever e, mesmo assim, teria deixado um grande legado intelectual a quem com ele privou. Os poucos artigos que elaborou, sempre preciosos, foram feitos menos por iniciativa própria e muito mais por pressão de quem com ele convivia e lhe solicitava alguma contribuição naquela área.

Também como o filósofo grego, que, ao invés de exibir-se na tribuna, apreciava reunir-se na praça, dialogando com seus discípulos, Jones tinha especial predileção pela conversa em pequenos grupos. Ali, mais do que com o pensador ateniense, parecia-se com René Descartes, o filósofo que inaugurou a Modernidade ao propor a dúvida metódica. Como o pensador francês do Século XVI, Jones questionava verdades prontas e acabadas e apostava na capacidade humana de descobrir conhecimentos a partir da dúvida.

Mas foi à luz do racionalismo espiritualista de Allan Kardec que Maurice Jones formou a base de seu pensamento, dedicando-se, por algum tempo, ao exame, difusão e vivência institucional, no movimento hegemônico, de cunho predominantemente religioso. Após assumir um firme posicionamento não religioso, livre-pensador, de caráter eminentemente filosófico com relação à doutrina fundada pelo eminente pedagogo francês do Século XIX, Allan Kardec, recolheu-se exclusivamente ao âmbito do CCEPA. Ali, reunindo-se com pequeno grupo de estudiosos da filosofia kardecista, iria produzir, em ambiente receptivo às suas ideias, talvez suas mais refinadas reflexões. O CCEPA, de fato, mesmo durante sua operosa ação frente à FERGS, foi, em toda a vida de Jones, sua casa, e nós sua segunda família, privilegiados por com ele dialogarmos e ouvi-lo, uma vez por semana, mesmo em seus últimos anos de vida. Assinale-se que a lucidez o acompanhou quase até o final.

Estudioso da história do pensamento, humanista, intelectual autodidata, tolerante e sempre cortês com os que dele discordavam, Jones não escondia sua perplexidade e suas interrogações sobre o fenômeno grandioso do universo e da vida. Mas, em meio a tantas dúvidas, dizia frequentemente aos privilegiados companheiros que o acompanharam até o fim que, de todas as concepções acerca de Deus, do universo e do homem, a que mais se prestava a encaminhar respostas a suas tantas dúvidas era a filosofia espírita.

Algumas dessas dúvidas talvez agora ele esteja dirimindo, na superior dimensão onde se reencontra com sua querida Elba.

(A Redação).



Um pensador original

Ler muito é um dos caminhos para a originalidade; uma pessoa é tão mais original e peculiar quanto mais conhecer o que disseram os outros. Miguel Unamuno.

Em breve nota, na qual registrou a desencarnação de seu ex-presidente Maurice Herbert Jones - (<https://www.fergs.org.br/sin-gle-post/nota-de-desencarnacao-de-maurice-herbert-jones>) -, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, qualificou-o como "um pensador original e estudioso do Espiritismo".

Talvez a originalidade do pensamento de Jones só possa ser efetivamente reconhecida, como agora o faz a instituição à qual ele prestou relevantes serviços, quando todos os espíritas se derem conta de que em Kardec, hoje e sempre, está a base irrevogável, insubstituível e insuperável do genuíno espiritismo.

Maurice Herbert Jones, quando na FERGS, juntamente com outros integrantes da antiga Sociedade Espírita Luz e Caridade (hoje CCEPA), mostrou-se um corajoso defensor da verdadeira natureza do espiritismo. Disso deu especial testemunho em 1986, na edição da histórica revista "A Reencarnação", número 402, cujo título de capa era: "Espiritismo: Ciência e Filosofia. Até que Ponto é Religião?".

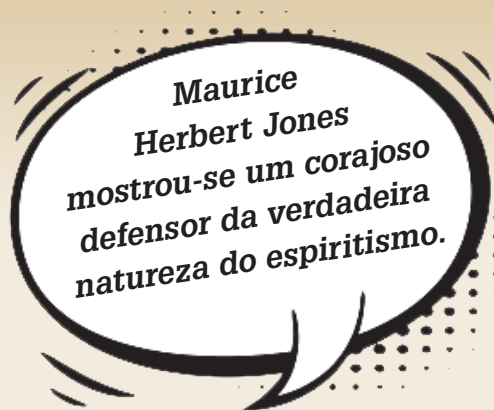
A discussão do tema integrou uma programação do corpo editorial da revista, na época dirigida pelo hoje editor deste jornal. Aquele número foi concebido para fechar uma tríade propondo o debate em torno do chamado "tríplice aspecto" do espiritismo, como "ciência/filosofia/religião, assim tido por todo o movimento unificado, mas não exatamente coincidente com a proposta original de Kardec. As duas edições anteriores haviam enfocado, respectivamente, os aspectos científico e filosófico.

À margem do movimento federativo, ressurgiam, na época, debates sobre o sempre contestado, por uma minoria periférica, aspecto religioso do espiritismo. Debatê-lo, entretanto, numa revista oficial de uma federação, integrante de um movimento que se afirma "religioso, cristão e evangélico", seria algo absolutamente impensável. Daí a forma interrogativa com que se ousou, cautelosamente, abordar o tema de capa.

A boa política, entretanto, do grupo que, na FERGS, debatia o tema, mas não se sentia autorizado a contrariar o pensamento quase unânime do movimento, redundou na edição de uma revista cujos articulistas convidados, quase todos, terminariam por defender o aspecto religioso. Nos artigos, o máximo que se fez foi apelar para uma proposta de síntese entre os conceitos de moral e religião, ou reduzir as diferenças a mera questão semântica, evitando-se a tomada de uma posição polarizada entre os dois conceitos.

Só uma matéria, contudo, da histórica revista defendia enfaticamente que o espiritismo não era religião. A matéria, embora assinada por Maurice Herbert Jones, não expunha nenhum pensamento pessoal seu. Limitava-se a transcrever da obra de Kardec dezenas de afirmações do fundador do espiritismo, sustentando que "verdadeiro caráter do espiritismo é de uma ciência e não de uma religião" e que "a palavra religião é inseparável de culto, o que o espiritismo não tem".

Ou seja, na histórica edição de "A Reencarnação" que pretendia discutir o tema, apenas um autor acabou sustentando não



ser o espiritismo uma religião: Allan Kardec. Pacientemente e meticulosamente, Maurice Jones pesquisou e transcreveu, sem qualquer comentário, o que Kardec houvera escrito. Dessa forma, sem dizer uma palavra sobre o tema, Jones abonava claros conceitos kardecistas, na época quase unanimemente repelidos. Uma atitude indubitavelmente inteligente de um "pensador singular", dando provas de sua disciplinada e racional condição de legítimo "estudioso do espiritismo", como o reconhece agora a Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

Opinião do leitor

Falando sobre Espiritismo Laico

Acuso o recebimento do jornal *Opinião* e sou grato pela atenção a mim dispensada. O nosso jornalzinho, como se percebe é espírita, não adota linha divisória. Desculpem-me a ousadia que tomo, mas não gostei do termo **macumbeiro, utilizado pelo vice-presidente da casa**, para designar os seguidores de doutrinas afro. ("Falando sobre Espiritismo Laico", *CCEPA Opinião* 296). Foi lamentável tal escrito. Será que ele pode falar que conhece a Doutrina Espírita? Agredir a outrem, simplesmente pelo ódio que destila dentro de si, não me parece ser atitude de um espírita. Ainda bem que vocês não aceitam Jesus e detestam a prece, base da Doutrina Espírita. **Dâmocles Aurélio da Silva Aurélio** - damocles.aurelio49@gmail.com.

Nota da Redação: Encaminhamos a carta acima ao autor do texto, Beto Souza, que assim nos respondeu: "Penso ser oportuno informar que utilizamos a palavra pensando em seu significado formal acadêmico como consta nos dicionários, considerando sua origem na ancestralidade angolana significando 'invocador', 'encantador de palavras' e também um instrumento musical, nome que na virada do século XIX passou a identificar a Macumba Carioca ou Candomblé de Angola, semelhante ao Batuque do Rio Grande do Sul. Entretanto, reconhecendo a existência de outras interpretações leigas, visando não reforçar percepções pejorativas, agradecemos a observação e modificamos o texto nas mídias eletrônicas removendo o termo". A **Editoria** do jornal sente-se no dever de expressar que o leitor incorreu em lamentável equívoco ao fazer juízo precipitado acerca do conhecimento doutrinário e das qualidades morais do vice-presidente do CCEPA. Por outro lado, cabe-nos esclarecer, face à alusão depreciativa feita à nossa Instituição, que temos, sim, a respeito de Jesus, uma concepção distinta da que predomina no movimento espírita, eminentemente cristólatra, como ele poderá encontrar no documento que lhe enviamos - a Carta de Posicionamentos da CEPABrasil - e que, justamente por valorizarmos a prece, não a utilizamos na forma ritualística e igrejeira tão empregada no movimento espírita.

Falando sobre Espiritismo Laico (2)

Esse texto me representa. A Verdade é sempre a pergunta. Bravo, Beto Souza! **Célia Bacchini** - Piracicaba, SP. (comentário publicado no Grupo ECK, onde foi reproduzido o artigo)



Departamento de Comunicação Social

● Rua Botafogo 678 - Menino Deus - P. Alegre - RS - CEP 90150-050
● (51) 3209 2811 - ● ccepars@gmail.com -
● <http://www.ccepa-opiniao.blogspot.com.br>

EDITOR CHEFE:
· Milton R. Medran Moreira

JORNALISTA:
· Reg. Prof. MTb3.352

CONSELHO EDITORIAL:
· Salomão Jacob Benchaya
· Dirce Teresinha Habkost de Carvalho Leite
· Neventon Vargas.

REVISÃO:
· Néventon Vargas (João Pessoa/PB)
· Leonardo Indrusiak

SECRETARIA E EXPEDIÇÃO:
· Rui P. Nazário de Oliveira
· Tereza San Martins Samá

PRODUÇÃO GRÁFICA E IMPRESSÃO:
Evangraf - www.evangraf.com.br
Fone: (51) 3336 2466 - Porto Alegre/RS

ASSINATURA:

Envie o seu pedido de assinatura para o CCEPA, Rua Botafogo 678, Porto Alegre- RS, CEP 90150-050, acompanhado de um cheque nominal no valor de R\$ 50,00 e receba, por um ano, este vibrante mensário, porta-voz do pensamento espírita dinâmico e inovador, cultivado no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Assinatura anual para o exterior: US\$50,00



Opinião em tópicos

Milton Medran Moreira

■ LEMBRANÇAS DE JONES

Ricardo, um dos filhos de Maurice Herbert Jones, por ocasião de sua despedida, lembrou, entre outros episódios marcantes de sua convivência com o pai, um passeio que com ele fez pelas ruas de Porto Alegre.

Ricardo mal tinha aprendido a ler e, de passagem por uma banca de loteria, viu anúncio de um prêmio de alguns milhões:

– Pai, compra um bilhete desses. A gente pode ficar rico – disse a Maurice, que deu de ombros e seguiu adiante, segurando a mão do garoto.

Mais adiante, o menino voltou ao assunto, perguntando ao pai porque não adquiria o bilhete: “Com esse dinheiro, a gente poderia comprar um carro muito bacana, uma casa”. Jones, com uma frase, encerrou o assunto:

– Não consigo imaginar o recebimento de qualquer dinheiro que não seja resultado de meu trabalho, filho.

■ INTEGRIDADE

Todos os filhos que se manifestaram no singelo, mas tocante, ato de despedida de Maurice Herbert Jones destacaram a marca indelével da personalidade dessa figura ímpar que acaba de nos deixar: sua integridade moral.

A integridade de Jones não era do tipo religioso, aquele comportamento forçado, sofrido, onde o sujeito penosamente busca controlar suas pulsões, seus ímpetos e imperfeições, para adaptar-se às normas da fé, da instituição ou do grupo social em que se acha integrado. Era algo natural, conquistado, interiormente trabalhado e introjetado, de forma a se incorporar à sua personalidade, sem qualquer laivo de hipocrisia ou preocupação de demonstração exterior.

Isso fazia dele um sujeito adiante de seu tempo. Há muitos anos, quando ainda era tido como normal se contar piadas de teor racista ou sexualmente discriminatório, quando programas humorísticos de TV tinham quadros abertamente racistas e e homofóbicos, ouvi de Jones esta declaração: “Comentários assim, lá em casa, eu não permito nem mesmo de brincadeira”.

■ A PROFUNDA ADMIRAÇÃO POR KARDEC

Com uma concepção superior de espiritismo, Jones reconhecia em Allan Kardec a sabedoria e a perspicácia que superavam os próprios espíritos a quem o codificador, modestamente, atribuía a autoria doutrinária. Escreveu que o “humanismo espirito-cêntrico” proposto pela filosofia espírita, de “natureza renovadora, revolucionária”, é “como a brisa fresca no deserto”, soprando “num mundo sem alma, nivelador, mortificante em que os valores do espírito foram substituídos pelo culto dos valores instrumentais e utilitários”.

Por isso, lamentava que, decorridos mais de um século e meio de seu lançamento, aquela verdadeira “síntese conceptual” oferecida pelo pedagogo francês, embora apta a promover uma significativa “conciliação de saberes”, ainda não fosse capaz de atingir “o direito de cidadania entre os conhecimentos humanos”, tal como reivindica Kardec na Conclusão de O Livro dos Espíritos.

■ CONVIVÊNCIA: A GRANDE MESTRA

Mesmo tendo conhecido a essência filosófica do espiritismo já na maturidade, depois de uma incursão pela Maçonaria, a serviço da qual esteve por algum tempo, Jones costumava dizer que o espiritismo não operara nele qualquer mudança significativa de comportamento ou de postura ética perante a vida. As doutrinas, tampouco as religiões, dizia, não transformam as pessoas. Esse é um trabalho personalíssimo, tarefa de cada um.

Dessa forma, a integridade moral de Jones, tão acentuadamente reconhecida por seus familiares e pelos poucos privilegiados que com ele privaram, não teria sido obra do espiritismo.

O grande fator transformador, capaz de promover o crescimento eficiente e contínuo do ser humano, afirmava Jones, é a convivência.

Aqueles poucos que privaram com Jones, como o pequeno grupo do CCEPA que se reunia com ele, todas as sextas-feiras à tarde, quase até o final de sua existência, ouviram isso dele à exaustão: a convivência, só a convivência, é a grande mestra da vida.



Opinando

Salomão Jacob Benchaya

Jones e o ESDE

A história do ESDE começa em 1968 quando Maurice Herbert Jones assumiu, pela primeira vez, a presidência da Sociedade Espírita Luz e Caridade (hoje CCEPA), logo instalando um pequeno grupo de estudos de *O Livro dos Espíritos*, atividade que se tornaria a marca da instituição. Em 1977/78 a SELC já mantinha vários grupos de estudo com cerca de 120 participantes.

Lembro que, em março de 1978, eu havia assumido o Departamento Doutrinário da FERGS a convite de Maurice Jones recentemente eleito seu presidente. Nesse mês, após uma reunião doutrinária da SELC, conversávamos o Jones e eu, ao pé da escada que leva ao auditório, sobre a lacuna que existia no movimento espírita relativa à falta de estudo sistemático das obras de Kardec. Nos Centros espíritas, além de reuniões mediúnicas, predominava o socorro espiritual e as pregações evangélicas.

Semanas depois, em reunião privativa do Conselho Executivo da FERGS, o Espírito Angel Aguarod, pela médium Cecília Rocha, reiterava anterior sugestão de “um plano amplo de estudo” que, imediatamente acatado, originou a Campanha de Estudo Sistematizado, lançada em 22.07.1978.

Os programas de estudo desenvolvidos na SELC haviam incorporado o COEM, do Centro Espírita “Luz Eterna”, de Curitiba e constituíram a base para a elaboração de Roteiros que a FERGS passou a enviar para os Centros Filiados.

A primeira dificuldade encontrada foi o despreparo de monitores ou coordenadores, habituados a fazer palestras. Muitos sofriam da “síndrome do pregador”. Só conseguiam fazer palestra, mesmo no pequeno grupo. Coordenar grupos de estudo exigia alguma habilidade de liderança e experiência em dinâmica de grupos, além do conhecimento doutrinário.

Então, nos finais de semana, Jones e eu nos deslocávamos para cidades do Interior gaúcho para ministrar mini cursos de preparação para coordenadores. E assim, os grupos de estudo foram deslançando.

Consolidada a campanha no Rio Grande do Sul, Jones leva a sugestão para outros Estados representados no Conselho Federativo Nacional da FEB, ali se defrontando com sérias dificuldades. Em 06.06.1979, nas palavras de Jones, diante de uma “surda resistência” dos dirigentes de Federativas – alguns até sugeriam que “se adiasse a decisão para outro momento”, médiuns renomados espalhavam a ideia de que o estudo sistematizado iria elitizar o espiritismo -, o presidente Thiesen solicita que a FERGS proponha, formalmente, uma campanha a nível nacional que, finalmente, é aprovada pelo CFN, um ano depois. Ainda assim, mesmo com todos os recursos disponíveis, a FEB só lançaria sua campanha do ESDE em 27.11.1983, mais de quatro anos após a sua proposta ao CFN.

Tenho a convicção de que o estudo metódico da obra de Kardec – objetivo do ESDE -, por ser feito em grupos, por estimular o debate, a pesquisa e a investigação, tem propiciado o conhecimento mais aprofundado do espiritismo, a melhor percepção do pensamento de seu fundador, o surgimento de novas lideranças e, em decorrência, tem despertado, também, uma consciência da progressividade do pensamento espírita como filosofia de bases científicas e de consequências morais. No dizer de Jones: “Kardec antes era apenas um nome; com o ESDE passou a ser uma ideia”.



OPINIÃO DE...

Maurice Herbert Jones, pensador espírita, foi presidente da FERGS e do CCEPA. Desencarnou no último dia 20/6, aos 91 anos de idade.

Onde todas as doutrinas com forte apelo religioso têm falhado sempre, em todas as épocas, é na pretensiosa busca de hegemonia. Os que se supõem detentores da verdade sentem-se no dever sagrado de combater o erro e a mentira gerando uma cultura intolerante com o diferente, idolátrica e, portanto, entorpecida e emasculada pelo sagrado.

(Da entrevista concedida ao CCEPA OPINIÃO n.127, jan/fev 2006)





DESENCARNAÇÃO DE JONES REPERCUTE NO ÂMBITO DA CEPA

Tão logo noticiada, em 20/6, a desencarnação de Maurice Herbert Jones, vários companheiros, especialmente da CEPA, conhecedores da importância do pensamento de Jones no segmento laico e livre-pensador do espiritismo, manifestaram-se nas redes sociais.

Jacira e Mauro: aprendizagem

Em mensagem enviada conjuntamente, **Jacira Jacinto da Silva** e **Mauro de Mesquita Spínola** (São Paulo/SP), Presidente e Diretor Administrativo da CEPA, respectivamente, destacaram: "A palavra que nos vem é aprendizagem. Jones pouco escrevia, então era em conversas (infelizmente muito poucas, no nosso caso) que conseguíamos aprender com ele. Lúcido, sincero, bondoso, dono de um humor doce, singelo. Conversas geralmente curtas, mas sempre marcantes. Desde os anos 1980, pudemos desfrutar de sua generosidade e aprender com sua radical racionalidade. É muito claro o papel de Jones: radical, no sentido mais puro do termo, amoroso, em paz. Dava segurança ao processo de renovação. Agradecimento é o nosso sentimento. Desejamos muita paz em sua nova caminhada, ao lado de Elba e outros espíritos amigos. Que a família receba nossos sentimentos e saiba do nosso reconhecimento eterno.



Dirce: A melhor homenagem que lhe podemos prestar é levarmos adiante a obra do CCEPA

Tão logo recebeu a notícia da desencarnação de Jones, **Dirce Teresinha Carvalho Leite**, Presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, declarou-se "com o coração entristecido", manifestando que elevava suas vibrações por ele e seus familiares". Para sua presidente, o "CCEPA está imensamente triste, mas profundamente grato por tudo o que Jones fez e pelo legado precioso por ele deixado de amor à Doutrina Espírita que sempre testemunhou, inspirando-nos a seguir seu exemplo". Para Dirce: "Seu Jones permanece conosco em seus ensinamentos e na lembrança vive em nossos corações de sua presença alegre e carinhosa" e "a melhor homenagem que lhe podemos prestar, além de nosso preito de gratidão, será a de levarmos adiante a divulgação do Espiritismo laico, humanista, progressista e livre-pensador, objetivo central de sua vida por tantos longos anos".



Homero: Jones demonstrava orgulho e confiança na equipe que deixava no CCEPA

O Ex-Presidente da CEPA, **Dante López** (Rafaela/Argentina), lamentando a partida de Jones, afirmou: "Os que o tínhamos à distância, somente em saber que estava ali para consultar sobre uma dúvida nos conformávamos e ficávamos tranquilos. Sua agudeza, sua fina ironia, a sutileza de suas análises acompanharam-me, na presidência de Milton, quando o conheci, como no exercício de minha presidência. Um verdadeiro gigante do pensamento. Agora o teremos disponível a partir do plano espiritual. Joia inavaliável que foi como ser humano, também o será como espírito".



Homero Ward da Rosa (Pelotas/RS), Secretário-Geral da Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA, manifestou-se lamentando muito "a despedida de Jones, mesmo que previsível, face à gravidade do quadro de saúde que apresentava". Registrou que, apesar das poucas vezes em que esteve próximo a ele, sempre se enriqueceu com sua sabedoria e conhecimento, mesclados com uma inteligente ironia e algum ceticismo relativo a questões graves da vida, da sociedade e do espiritismo". Lembrou que em conversa telefônica com Jones, ainda neste ano, ele reiterou sua admiração pelo CCEPA, pelo grupo de trabalhadores que levava aquela instituição adiante, tecendo elogios a todos, demonstrando confiança e esperança no futuro da instituição. Encerrou manifestando, em nome próprio e de sua esposa Regina, "gratidão e reconhecimento ao amigo Jones", desejando "muita luz e paz" a ele, a Elba e demais familiares da Espiritualidade.



Jon Aizpúrua: Jones, uma das mais cultas personalidades espíritas de nosso tempo

Ex-Presidente da CEPA, também **Jon Aizpúrua** (Múrcia/Espanha) manifestou-se diante da notícia por ele considerada "muito triste" e que "embora esperada, causa muita dor na alma". Para ele, "partiu para a dimensão espiritual uma das personalidades mais altas, mais cultas, mais finas do espiritismo contemporâneo, do nosso espiritismo laico em particular". Em sua mensagem, Jon se disse emocionado ao render testemunho de seu mais profundo afeto e admiração a Maurice Herbert Jones, sentindo-se "honrado por tê-lo conhecido e com ele haver dialogado, recebendo o privilégio de sua amizade". E encerra dizendo: "Até breve, querido Maurice!".



Muitas outras manifestações

- **Néventon Vargas** (João Pessoa/PB), editor do boletim eletrônico da CEPA, preparou para sua próxima edição, texto consignando o intenso e revolucionário trabalho de Jones, junto ao CCEPA e à FERGS. No artigo, confessa ter recebido enorme influência exercida "por aquela mente lúcida", no momento em que iniciava seus estudos espíritas.

- Muitas mensagens continuam chegando, destacando-se, entre elas, as de **Nícia Cunha** (Cuiabá, MT), **Gustavo Molfino** (Rafaela, Argentina), **Sociedade Espírita Casa da Prece** (Pelotas/RS), **Yolanda Clavijo** (Caracas, Venezuela), representando o "Movimento de Cultura Espírita CIMA", **Luís Signates** (Goiânia, GO), **Geraldo Pires de Oliveira** (Guarulhos/SP), **Eduardo Valério** (São Paulo/SP), **Reinaldo di Lucia** (São Paulo/SP), **David Santamaría**, dirigente do Centro Barcelonês de Cultura Espírita, Barcelona/Espanha), **Antonio Bruni** (Buenos Aires/Argentina) e outras que registraremos em nossas próximas edições.

NA PÁGINA SEGUINTE: UM ESCRITOR EXPERIENTE E UMA JOVEM ADVOGADA DEPÕEM SOBRE A PERSONALIDADE DE MAURICE HERBERT JONES.



REGISTROS DA GRANDE IMPRENSA

ZH

Em sua edição de 30/6, o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, registrou a morte de **Maurice Herbert Jones**. O texto faz um histórico da atividade de Jones no movimento espírita gaúcho, destacando entre outros pontos: "A acuidade de seu pensamento, sua peculiar elucubração filosófica, sua racionalidade que beirava o ceticismo e seu refinado senso de humor o tornaram um tipo raro de expositor espírita". Ressalta ainda que sua atuação junto ao Centro Cultural Espírita de Porto Alegre marcou "uma profunda mudança na trajetória da instituição hoje reconhecida internacionalmente por sua atuação de espiritismo sob a feição laica, livre-pensadora e por sua intensa atividade cultural".

O depoimento de um experiente escritor espírita - Wilson Garcia:

MAURICE HERBERT JONES E SEUS ADMIRADORES ADMIRÁVEIS



Um grande homem só pode ser grande se for admirado por grandes homens. Este é o caso do grande homem que está presente neste texto pequeno.

Não tive oportunidade de conhecê-lo de perto, embora estivesse perto dele em algumas ocasiões. Não falei com ele, não o ouvi, não senti suas palavras nem vi seu olhar macio. A distância entre nossos corpos foi mínima em certos momentos e por isso foi enorme demais, visto que não pude trocar com ele pensamentos, palavras, símbolos, sequer ideias rasas ou profundas.

Conheci-o por alguns poucos, pouquíssimos escritos por ele assinados e, muito mais, pelos textos escritos por seus amigos fiéis e admiradores incontestes. Esses, sim, falam de uma figura exemplar, serena, franca, leal. E eu passei a admirar tanto alguns desses amigos dele, que não tenho a menor sombra de dúvidas de o admirar com todo o zelo e carinho. Por quê? Pelo simples fato de saber que esses alguns amigos dele são homens admiráveis pela dedicação, pela honestidade, pelo desejo do bem do outro. Enfim, são homens incapazes de abrigar qualquer tipo de ódio, incapazes de se deixarem levar pela paixão e de fomentar a desunião.

Esses homens são ao meu olhar grandes homens e se eles admiram aquele a quem me refiro, não tenho razão senão para admirá-lo também. Eles me contam histórias dele, de suas lutas, de seu pensamento, de sua firmeza ética, de sua capacidade de apontar caminhos e soluções, histórias que eu analiso sob o crivo da razão e da ética e tais são os meus percentuais de bom-senso que concluo que o meu referente foi, sim, um grande homem.

Vi muitos grandes homens eleitos por homens pequenos. Não pude acreditar neles. Homens pequenos não são capazes de visualizar as grandezas indiscutíveis dos grandes homens, porque seus olhares estão contaminados pelo contexto dos interesses pequenos. Um grande homem só pode de fato ser sentido na inteireza do sentimento por homens grandes, como ele. A régua de medida do homem pequeno é curta, cinge-se ao que vem de retorno e ao que espera que retorne, mas a régua do grande homem é extensa, sincera, desprovida de exigências e de desejos vis.

Ontem, um grande homem, assim visto por grandes homens, se foi. Retornou ao espaço dos corpos leves, sutis, ainda que materiais. Deu-se de maneira tranquila, serena como era ele. E tudo continuou sereno entre os seus. Não houve luto, não houve pesar, não houve nada que não fosse como ensina a lei da natureza. Alguém se vai, alguém retorna e a vida segue. O tempo da saudade começa, o tempo das comemorações tem início. No mais, tudo em ordem.

Esse grande homem, garantido por homens de grandeza, se chama Maurice Herbert Jones.

O depoimento de uma jovem advogada - Bianca Medran Moreira:

ELE ESTAVA SEMPRE SORRINDO

-Seu Jones, quem são aquelas pessoas atravessando a rua, que acabaram de sair daqui? Perguntava uma companheira nossa de CCEPA, ao Jones, quando eu estava chegando, à casa, para uma palestra.

- Ah, minha filha, eu indiquei um centro espírita pra elas. Elas devem estar indo pra lá.

- Mas, seu Jones...

Era assim mesmo, se as pessoas fossem ao CCEPA, procurando fenômenos espíritas, mas não a filosofia espírita, logo o Jones tratava de indicar, amavelmente, um local que pudesse dar colo e consolo aos vivos.

Objetivo e perspicaz. Um dia, no começo da minha faculdade, ele, do nada, me perguntou como estava o curso. Eu respondi que estava bem bom, que eu já estava estagiando, que gostava do Direito, mas que eu amava mesmo era fazer yoga. Ele riu e me respondeu em inglês, com um versinho bonitinho. Disse, em forma de rima, que mesmo quando não estamos fazendo só aquilo que mais amamos, podemos, ainda assim, ser bem felizes, fazendo aquilo ali mesmo que já estávamos fazendo. Tratemos de ser felizes, de qualquer jeito, e ponto. Parece conformismo, mas, só percebi tempos depois, que era uma lição interessante, tanto sobre disciplina, quanto sobre felicidade.

Divertido e provocador, sempre dizia que meu marido andava de skate tempo demais, que era para eu "abrir o olho", com essa hora do skate. Era incrível como ele, que levava tudo tão a sério, estava sempre sorrindo e se divertindo. Sarcástico e bem humorado como todo ser inteligente.

Perfeccionista e ordenado, ele simplesmente reorientou o espiritismo e construiu uma casa totalmente laica e inovadora.

O Jones sempre dizia que a doutrina espírita era fortemente vocacionada ao progresso e à interligação dos saberes. Que era uma filosofia capaz de superar os aparentes conflitos entre fé e razão entre ciência e religião. Mas, na verdade, ele que era.



Conferências Internacionais do CIMA - Julho/2021

DAVID SANTAMARIA ABRE PROGRAMAÇÃO APRESENTANDO LIVRO SOBRE IMORTALIDADE

Neste primeiro domingo de julho/4, CIMA - Movimento de Cultura Espírita, Caracas, Venezuela, inicia sua série de conferências com expositores internacionais.

David Santamaría - Barcelona/ES - será o orador, com o tema "Alma, Mente e Espírito". A conferência marca o lançamento do livro "A Imortalidade da Alma", da coleção "Livre-Pensar Espírita, Espiritismo para o Século XXI", da CEPA.



David Santamaría

Nos domingos seguintes:

11.07 - "Meu Encontro com David Grossvater, com Jon Aizpúrua.

18.07 - "A Mediunidade de Cura e o Curandeirismo, na Visão Espírita", com Juan José Torres.

25/07 - "Espiritismo e Ken Wilber - com Alcione Moreno.

Horário de Caracas: 11h30. Horário de Brasília: 12h30. As conferências podem ser assistidas ao vivo em www.cimamovimentoespirita.org.



Uma carta para Jones

Dirce Teresinha Habkost de Carvalho Leite.
Pedagoga, presidente
do Centro Cultural
Espírita de
Porto Alegre.



NOTA DO EDITOR: A carta que a seguir reproduzimos foi escrita em junho de 2018, por Dirce a Maurice Herbert Jones. É um documento que retrata o início da fase final de Jones na atual experiência encarnatória. Ele se recuperava de um AVC que, mesmo não lhe tendo tirado a lucidez, privava-o de muitas atividades físicas, intelectuais e de sociabilidade. Limitava-lhe inclusive o exercício de uma atividade que vinha exercendo com exemplar zelo, carinho e vigor: a assistência que, pessoalmente, fazia questão de prestar à esposa, então já gravemente enferma.

Porto Alegre, 03 de junho de 2018.

Querido amigo Jones!

No último encontro que tivemos no CCEPA, o senhor expressou a todos nós o momento difícil que está vivendo. A natureza, seguindo seu ciclo que atinge a todos, indistintamente, apresenta perdas, de toda ordem, que trazem sofrimentos. Em primeiro lugar, obrigada pela confiança em dividir conosco esse seu sentimento. Isso é confiança e prova de afeto. E é em nome desse afeto que, tenha certeza é recíproco, tomo a liberdade de também expressar-lhe o meu que, penso, é o de toda comunidade do CCEPA.

“Sinto que estou perdendo a minha identidade e isso é muito ruim. Não consigo mais fazer o que eu fazia, esse não sou mais eu...”, o senhor disse, entre outras coisas. De tudo, o que ficou ecoando em mim foi: “Sinto que estou perdendo minha identidade...”

Cheguei ao CCEPA há sete anos. Sete anos, alguém diria, o que são sete anos em uma vida longa? Eu digo que eles podem ser toda uma vida, quando representam conquistar novas compreensões, olhares inéditos, percepções revolucionárias na consciência e, sobretudo, nas práticas.

Encontrei essa oportunidade no CCEPA, através da aprendizagem que as pessoas que me acolheram tão generosamente me proporcionam, sempre. Elas partilharam comigo não apenas o seu consistente conhecimento da Doutrina Espírita, mas, especialmente, seu modo de ser e seus exemplos edificantes como seres humanos. Todas têm um lugar naquilo que já construí e que repito a cada dia, nesse convívio tão caro para mim.

Para minha felicidade foi no CCEPA que eu pude conhecê-lo, desfrutar de sua companhia e de tudo que ela representa para mim e que, saiba, não é pouca coisa. Quero, então, seu Jones, afirmar categoricamente, embora uma das coisas que me ensinou é que não devemos ser tão convictos sobre tudo, mas nisso vou desobedecer, pois também me ensinou que a desobediência é boa quando libertadora para o progresso, para afirmar que sua “identidade jamais se perderá”. Ela vive e palpita em mim e, sei, em todos que têm o privilégio de tê-lo conhecido e de privar de seu convívio.

Minha mente, meu coração, minha consciência e também meus cadernos (pois, eu também tenho medo de perder...) estão repletos de seus ensinamentos, de suas falas, de suas observações sempre todas tão oportunas, tão lúcidas e, principalmente, tão instigantes à curiosidade ativa, à reflexão necessária, à urgência de revisão de minhas práticas. Quantas vezes, um nome, uma teoria e uma referência suas me levaram a pesquisar, a procurar aprofundar ou a ver algo pela primeira vez. Descortinei um mundo novo, gra-

ças às suas relevantes contribuições. Mas o mais importante, seu Jones, sua identidade me toca por sua forma de ser, recheada de humildade e de simplicidade, virtudes nem sempre presentes em quem é culto, mas com certeza, em quem é sábio.

Sua identidade alcança-me no seu bom humor, em sua ironia inteligente, mas nunca depreciativa, aspectos tão raros nesse conturbado mundo. Aprendo sobre descontração, alegria e leveza, desejando ser assim, também. No entanto, sua identidade envolve-me na seriedade com que estuda, aprofunda e dá ensinamentos sobre a forma de tratar a Doutrina, sempre enfatizando a fé raciocinada, o livre pensamento e o questionamento destituídos de fanatismos, de preconceitos de qualquer natureza ou da eleição de qualquer tipo de ídolos. Sua identidade mostra que tudo evolui, que o mundo das ideias é múltiplo e que nada progride se não estiver aberto ao novo, pois, a vida é movimento e mutação.

Sua identidade repercute em mim na maneira como consegue trazer suavidade e equilíbrio numa discussão às vezes pesada, quando excessos de personalidades (inclusive os meus) começam a desorientar-se. Seu tom de voz e sua palavra judiciosa lembram que a verdade nunca está contida inteiramente num único argumento e que ela é sempre mais abrangente do que nos parece, no momento. Sua identidade orienta-me sobre prudência, respeito e humildade e, muito especialmente, sobre a necessidade de cultivar pluralidade de pensamento, sem perder-me do essencial.

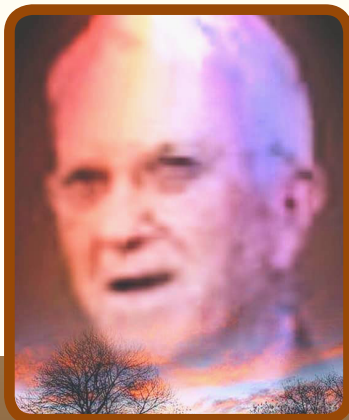
Sua identidade inspira e mobiliza-me a seguir seus exemplos, quando os mais antigos na casa me contam sobre a sua trajetória nela. O CCEPA contém-lhe inteiro, seu Jones, e abrange a sua linda e exemplar história de vida. Desde as paredes físicas que suportam o prédio às paredes que sustentam as almas que aqui estão. O senhor sabe do que falo: dedicação material e, muito além desta, abnegação humana que ultrapassa o simples dever, contribuição imprescindível para que outros construam a si mesmos...

Por tudo isso, seu Jones, querido amigo, e por muito mais que eu não consegui expressar, pois, por certo outros diriam

muito mais e de forma bem mais justa, eu lhe afirmo: sua identidade não está se perdendo. Como um bem imaterial poderia perder-se? Sua identidade vive, vigorosamente, em mim, e sei, em todos do CCEPA. Posso entender profundamente os seus sentimentos, pois eles são naturais e justos. Todos compartilhamos do mesmo receio de perda “material” e da angústia que isso traz. Somos absolutamente iguais nesse quesito. Mas não posso concordar com a sua afirmativa que deu origem a este texto: “estou perdendo a minha identidade”. Isso seria irreal e ofensivo a nós, que o temos e que sempre o teremos em nós próprios, pois tentamos ser, ao menos um pouquinho, semelhantes ao senhor... Sua identidade, ou seja, o conjunto de todas as características e qualidades que lhe são inerentes ecoam em mim, em nós, e ecoarão, sempre, multiplicando-se naqueles que possamos, talvez, atingir também.

Gratidão imensa por dividir comigo e com todo o grupo do CCEPA essa sua tão linda “identidade”. Gratidão pela força que ela contém, a ponto de chegar em minha alma com a energia da transformação. Sua identidade é para minha alegria e bem interior, parceira e companheira para sempre.

Com imenso afeto e enorme gratidão, Dirce.



A identidade de Jones mostra que tudo evolui, que o mundo das ideias é múltiplo e que nada progride se não estiver aberto ao novo, pois, a vida é movimento e mutação.